

As experiências e vivências da escola para a universidade:

contribuições para a formação do licenciado em Letras

Rejane Klein e Rita Maria Decarli Bottega¹

O objetivo do presente texto é apresentar um relato de experiência da realização de um projeto de extensão universitária e suas contribuições – e o das práticas extensionistas – para a formação do licenciado em Letras, articulando os pressupostos desenvolvidos no projeto de extensão universitária a uma maior instrumentalização para a prática do ensino no curso licenciatura em Letras. Além da experiência relatada, serão abordados alguns pressupostos que embasaram a realização do projeto de extensão universitária e algumas discussões sobre o saber cotidiano realizado na escola e sua contribuição para a formação do licenciado em Letras. Para as discussões, utilizou-se alguns pressupostos defendidos por Bakhtin (1995), Geraldi (1991), Morin (2000) e Certeau (1996).

Em torno do projeto

Vivências & experiências na escola

O projeto de extensão universitária denominado “*Vivências & experiências na escola*”, por nós² coordenado e vinculado às disciplinas de Didática e Prática de Ensino, no Curso de Letras, objetivava trazer para a Universidade, via entrevistas, debates e relatos de atividades, as experiências bem sucedidas realizadas por professores de Língua Portuguesa e alguns que atuam na administração escolar. As atividades de extensão desenvolvidas envolveram acadêmicos dos 3º e 4º anos do Curso de Letras - Português e seis professores da rede pública e privada do município de Marechal Cândido Rondon, os quais atuam em sala de aula e possuem experiências variadas.³ Os temas tratados versaram sobre produção e leitura de textos, a realização de projetos em sala de aula, identidade do professor e administração escolar. Em relação aos professores convidados, alguns possuíam vários anos de atuação, uma professora já é aposentada e dois professores estavam no início da carreira, vivenciando, inclusive, a experiência de serem professores no Ensino Fundamental e Médio e na Universidade num mesmo momento. O projeto teve início em março de 2004, sendo que as entrevistas foram apresentadas com um intervalo de 20 dias entre elas. Ao final, ocorreu a avaliação das atividades vinculadas aos projetos, envolvendo os acadêmicos e as professoras coordenadoras.

As atividades compuseram-se do relato de algumas das experiências mais significativas vivenciadas pelo professor entrevistado, questionamentos dos acadêmicos e elaboração de um relatório descritivo para cada uma das entrevistas, apresentado pelos acadêmicos. Aos alunos do 3º ano coube relatar todas as entrevistas por escrito; já os alunos do 4º ano relataram por escrito a experiência, efetuaram uma análise pessoal do relato e, por último, elaboraram uma atividade similar às apresentadas pelos entrevistados. A cada entrevista, o tema e o material apresentado se diversificava, o que contribuiu para o enriquecimento da experiência pedagógica dos acadêmicos e, ao mesmo tempo, aproximou o espaço de vivências da realidade do ensino de Língua Portuguesa que é realizado nas escolas com a Universidade, a qual, por sua vez, deu-se a conhecer e propiciou experiências enriquecedoras aos envolvidos no projeto.

Como resultados das atividades que os professores convidados realizaram junto a alunos do Nível Fundamental e Médio, foram apresentados livros confeccionados pelos alunos dos dois níveis de ensino, poesias, fotos, notícias em jornais sobre atividades premiadas e vídeos. A avaliação do projeto foi progressiva e ocorreu após cada entrevista, sendo realizada pelos acadêmicos e pelas professoras colaboradoras envolvidas na atividade. A participação dos acadêmicos foi bastante assídua e as atividades propostas no projeto e descritas no cronograma foram realizadas.

Posicionamentos sobre a experiência vivenciada

Durante os comentários de avaliação após cada uma das atividades e na avaliação descritiva final, os acadêmicos participantes do projeto apontaram que o projeto contribuiu de maneira significativa na formação deles, uma vez que muitos não possuíam nenhuma experiência na área do ensino durante a graduação. Ressaltaram que ouvir o professor relatar suas experiências, ter contato e manusear os materiais confeccionados pelos alunos do Nível Fundamental e Médio foi interessante e permitiu uma visualização da forma de realização da atividade relatada. A avaliação positiva foi presentificada no fato de que os acadêmicos optaram por propor a reedição do projeto e, ainda, sugeriram que ao invés de apenas duas aulas, que se ocupassem quatro aulas para cada uma das entrevistas. Ressaltaram ainda que os alunos do 1º e do 2º anos de Letras deveriam ser envolvidos também e que se abordasse como trabalhar com a gramática na sala de aula num próximo projeto.

Após a realização de cada uma das atividades foi realizada uma avaliação, de caráter contínuo e diagnóstico, pelas docentes coordenadoras do projeto e, a partir das muitas conversas que tivemos e das anotações feitas, após o encerramento do projeto, podemos destacar que: a) as experiências relatadas foram interessantes e contribuíram para a formação do licenciado em Letras; b) o projeto contou com a assiduidade e interesse dos alunos envolvidos, sendo que a grande maioria obteve 100% de frequência; c) a reedição do projeto precisa ainda ser estudada, levando-se em consideração a situação das atividades das coordenadoras do projeto em outros momentos; d) o convite dirigido aos professores da rede foi aceito de bom grado, o que nos fez perceber que estes professores (e muitos outros) estão dispostos a realizar atividades em parceria com a universidade; e) o saber do professor que atua junto a alunos do Nível Fundamental e Médio trazido para dentro da Universidade e valorizado, como atividade exten-

sionista, demonstrou que a relação universidade-comunidade é um caminho de mão dupla, no qual ambas as instituições têm o que dizer e o que ouvir e que este processo é enriquecedor; f) a proposta, que se caracterizou como objetivo geral do projeto, de se trazer para a universidade as vivências e experiências realizadas na escola - o que motivou o título do projeto - foi atingida com sucesso.

Feita a descrição dos elementos básicos que fizeram parte do projeto, será possível conduzir uma reflexão, ainda que breve, sobre a contribuição de tal proposta (em decorrência, das atividades de extensão universitária) para a formação do acadêmico de Letras.

A formação do acadêmico no Curso de Letras

A formação do acadêmico do Curso de Letras da Unioeste – *campus* de Marechal Cândido Rondon - obedece a algumas diretrizes, expostas no Projeto Político-Pedagógico do Curso, sendo que, dentre elas destaca-se a questão da formação do professor de Língua Portuguesa e respectivas literaturas e, a partir de 2003, também professor de Língua Alemã, ou Espanhola, e em 2005, Língua Inglesa.

Refletir sobre a formação do professor de Línguas não requer apenas que se discutam os pressupostos teórico-práticos sobre o ensino, mas que se pense na imersão do acadêmico na realidade da escola e do ensino. Imergir nesta realidade possibilita o diálogo com as práticas que alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio desenvolvem no cotidiano. Esta imersão mostra as dificuldades e possibilidades que o dia-a-dia da sala de aula apresenta e, principalmente, permite que o acadêmico perceba que o professor mesmo depois de formado continua seu processo de formação. Isso só é possível se os sujeitos se percebem como seres que constroem e reconstróem constantemente seus conhecimentos através do confronto entre a teoria e a prática. Para Lima, seguindo os pressupostos de Paulo Freire,

A ação é trabalho devido não ao maior ou menor esforço físico nela despendido pelo organismo agente, mas a consciência que o sujeito tem de seu próprio esforço, sua capacidade de programar a ação, criar instrumentos e usá-los para mediar entre si e o objeto de sua ação, ter propósitos, antecipar resultados.⁴

Os projetos apresentados através das entrevistas colocaram os licenciandos em Letras em confronto com a ação dos entrevistados e eles serviram para que fosse possível perceber que instrumentos foram programados para desenvolver os diferentes projetos. Nesta troca, a organização da fala do professor convidado também foi um momento de sistematização das diversas práticas que realizou, as quais puderam ser revistas, apontadas ou questionadas, pois no momento da exposição, o professor entrevistado podia rever a atividade que estava apresentando, de um outro tempo, outro lugar e outro espaço. Isso motivou, muitas vezes, comentários como “se eu realizasse tal atividade hoje, faria assim... reelaboraria tais aspectos”. Portanto, além da experiência relatada, os acadêmicos conviveram com a importância de se refletir sobre as práticas pedagógicas que são realizadas.

Neste contexto, o projeto objetivou o intercâmbio, a troca de saberes. Nesta troca, ficou evidente que a relação com a escola pode ser uma via que conta com uma duplicidade: a da interferência da Universidade na realidade escolar (por meio de projetos extensionistas realizados na escola e por meio da realização do estágio supervisionado) e a possibilidade de interferência do professor que atua na escola na formação do acadêmico. Parte-se, portanto, da noção de que não há saber mais ou menos valioso, um saber a ser aceito e outro a ser desprezado; um saber consagrado e reconhecido, o qual conta com a preponderância do saber da academia sobre o saber que é cotidianamente elaborado pelo professor. Objetivou-se, com o projeto extensionista descrito, ouvir, ver, ler,⁵ perguntar e questionar as múltiplas práticas do ensino que envolvem o formação do acadêmico de Letras.

Talvez, pensar em uma prática de ensino de Língua Portuguesa na formação acadêmica e colocá-la em confronto com as práticas exija uma revisão daquilo que concebemos como conhecimento. Segundo Morin, “*O conhecimento, sob forma de palavra, de idéia, de teoria é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte está sujeito ao erro...*”.⁶ Justamente por isso, exija que se reflita também sobre o que “efetivamente” ocorre nas escolas, ou seja, sobre o trabalho que é desenvolvido nas escolas. Evidentemente, não se trata de reiterarmos um processo de “culpabilização” dos professores, mas afirmar uma reinvenção da prática cotidiana, na qual, como quer Certeau,⁷ encerram uma série de inventividades, já que “*Esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar da inventividade possível do sujeito: invenções precárias*

sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las”.

Colocar o acadêmico em contato com o professor que apresenta e dialoga sobre a sua prática propicia discussões, reflexões sobre as práticas do ensino de Língua Portuguesa que são realizadas nas escolas de Nível Fundamental e Médio. A apresentação de temas diversos, não com uma única abordagem, propiciou que os acadêmicos tivessem possibilidade de perceber a prática do ensino de Língua Portuguesa nos diferentes níveis e nas diferentes esferas que envolvem o ensino, já que tiveram contato com professores com experiências educativas diferenciadas, uma orientadora educacional e uma diretora de escola. Isso demonstra que uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa pode (talvez deva) buscar um arcabouço grande e variado de experiências, já que a escola é o local onde convivem práticas variadas, diferenciadas, à luz das condições materiais e concretas de trabalho do professor.

Não se trata de pensar o ensino na sua unilateralidade, mas na troca de saberes que leva à reflexão, ao estudo, à discussão, o que pode contribuir para a formação de um acadêmico mais preparado para os desafios que a realidade escolar apresenta.

Em torno dos resultados e da reflexão

Algumas passagens dos relatórios do projeto demonstram que os acadêmicos participantes avaliaram positivamente o projeto, admitindo que ele contribuiu para a sua formação enquanto licenciado em Letras.

Talvez esta contribuição por eles nominada parta do princípio, como diz Geraldí que:

Se a crítica se quer construção, é preciso apontar alguns caminhos. Isso nos levou a repensar, no interior da crise da escola, a crise do professor, expropriado não só de seus salários, mas também em suas crenças e identidades que uma proposta tem várias leituras. Mas sobretudo, aprendeu-se que não há ponte entre a teoria e a prática . A práxis exige construção, permanente, sem cristalizações de caminhos. Na práxis, alteram-se sujeitos envolvidos e percepções sobre o próprio objeto.⁸

Nos depoimentos dos professores entrevistados, observou-se exatamente este processo de construção que se faz ora de forma mais segura, embasada em experiências e estudos anteriores, ora se faz de forma intuitiva, na tentativa de perseguir “o que vai dar mais certo para aquela turma naquele momento”.

Nesse sentido, das atividades desenvolvidas em 2004, podemos destacar alguns pontos que conduzem a um olhar sobre a atividade realizada e sua vinculação à formação do acadêmico de Letras: a) as atividades extensivistas que possuem vinculação ao ensino contribuem de forma direta para com a formação do licenciado; b) quando se discute o ensino, não se trata de ouvir o professor para julgá-lo, culpando-o ou inocentando-o pelos problemas da educação ou aqueles relacionados à sua prática pedagógica; c) se admitirmos a linguagem como interação verbal, conforme defende Bakhtin, a fala do professor entrevistado que abordou uma experiência sobre o seu “ensinar Língua Portuguesa” para o Nível Fundamental e/ou Médio, pode ser entendida a partir de dois pressupostos básicos: o da compreensão responsiva ativa e o do diálogo no sentido bakhtiniano do termo.

Em relação ao primeiro, entendemos que quando uma fala se dá, além de ela já ser resposta a outras falas, ela não ocorre de forma “congelada”, na qual o ouvinte apenas vai incorporar, aprender o que foi dito. Ao contrário, o ouvinte não o é apenas; ele é produtor de sentidos e, ouvindo o dito, produz sentido(s), mesclando sua experiência de profissional, de acadêmico e de pessoa, já que, como ressalta o autor,

De fato, a forma lingüística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores com contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico e existencial.*⁹

Assim, parece-nos que a prática pedagógica cotidiana deve - enquanto profissionais da educação, formando outros profissionais, o licenciado em Letras – nos levar, de acordo com Certeau a

Prestar atenção a certas notas mais novas e observar a fusão de microexperiências, ocultas no anonimato de redes amigáveis e locais onde se tenta de muitas maneiras inventar modestamente outros comportamentos, definir um modo de vida por sobre as duas culturas e suas duas temporalidades.¹⁰

Notas

¹ As autoras são docentes do Curso de Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon.

² Propositadamente, empregamos o “nós”, já que o trabalho relatado foi coordenado pelas autoras e este emprego representa o envolvimento que tivemos na realização do trabalho e na elaboração do texto.

³ Nossos agradecimentos aos professores Clóvis Alencar Butzge, Keli Cristina Theobald, Vera Pagnussatti, Clarete Spchor, Célia Vigorena, Janete Passeti e Sonia Hanauer, pela participação no projeto.

⁴ LIMA, Venício Artur. *Comunicação e cultura as idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 107.

⁵ Ler no sentido amplo do termo: vivenciar, interpretar o mundo.

⁶ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Cortez, 2000, p. 20.

⁷ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; PIERRE, Mayol. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 217.

⁸ GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Contexto, 1991. p. XXVIII. Grifos do autor.

⁹ BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 95. Grifos do autor.

¹⁰ CERTEAU. *op. cit.* p., 285.